

As modificações da forma verbal nas estratégias de correção e paráfrase em ocorrências da língua falada: uma análise sob a perspectiva funcionalista

Fernanda Trombini Rahmen CASSIM¹

Resumo: As estratégias de formulação ocorrem no texto falado e têm a finalidade de estruturar e organizar os enunciados de um texto para que este seja compreensível ao interlocutor, que deve interpretá-lo satisfatoriamente. Nesse ato de formular e reformular sentenças, algumas mudanças linguísticas podem ser percebidas no âmbito morfossintático, as quais acarretam alterações no conteúdo informacional. Neste trabalho, analisaram-se as mudanças verbais que acontecem no processo de formulação em ocorrências que apresentam, especialmente, as estratégias de correção e de paráfrase. Para tanto, foram utilizadas as noções de verbo e de estratégias de formulação apresentadas por Ilari & Basso (2008), Castilho (2002; 2010) e Fávero, Andrade & Aquino (1999; 2006), dentre outros, as quais são alicerçadas em uma visão funcionalista da linguagem. Com isso, pretende-se evidenciar que a semântica verbal só é compreendida no estudo dos contextos reais de uso da língua, bem como destacar a importância de se abordar o estudo da classe dos verbos sob uma perspectiva funcionalista, que leve em conta a linguagem falada em seu contexto real de uso.

Palavras-chave: Correção; Paráfrase; Funcionalismo.

Abstract: Formulation's strategies occur in the spoken text and are intended to structure and organize the statements of a text so that it is understandable to the interlocutor, who must interpret it satisfactorily. In this act of formulating and reformulating sentences, some language changes can be seen not only in the informational content, but also in morphosyntactic field. In this work, we found the verbal changes that happen in the formulation process in events that feature especially remediation strategies and paraphrase. For this, we used the verb notions and formulating strategies presented by Ilari & Basso (2008), Castilho (2002; 2010) and Favero, Andrade & Aquino (1999; 2006), among others, which are bolster by a functionalist view of language. Thus, we intend to highlight the importance of addressing the study of the verbs class on a functionalist perspective, which considers the language spoken in their real context of use.

Key words: Correction; Paraphrase; Functionalism.

Introdução

Muitas vezes, para conferir coerência ao enunciado, o locutor utiliza algumas estratégias em seu discurso. Essas estratégias podem ter a função de corrigir, quando se percebe, por exemplo, um equívoco; de inserir informações extras, quando há compreensão de que os dados expressos são insuficientes; de reformular o discurso, quando há percepção de que algo dito não deveria ter sido expresso do modo

¹ Doutoranda na área de Descrição Linguística pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá - PR. Correio eletrônico: fer_trc@hotmail.com.

como foi. A estratégia de correção está sempre muito presente na fala, devido ao seu caráter dinâmico e suas inúmeras possibilidades de reformulação. Nela, uma sentença é considerada “errada” e, então, é substituída por outra. Segundo Gülich e Kotschi (1987b, *apud* FÁVERO; ANDRADE & AQUINO, 2006), a delimitação entre paráfrase e correção é considerada difícil, uma vez que são estratégias de formulação bastante parecidas. Jubran (2006) define que a estratégia de paráfrase é uma atividade de formulação que constitui um processo de reformulação, uma vez que se refere a algo já exposto no texto que se afirma como matriz, que tem seu conteúdo formalmente reelaborado.

Assim, vê-se que a paráfrase se apresenta como um instrumento para que o locutor trabalhe seu discurso de acordo com suas intenções. Devido ao fato de essas estratégias apresentarem características de formulação parecidas (um enunciado-fonte passa por uma reformulação, gerando um enunciado-final), terem uma finalidade em comum e apresentarem uma linha tênue em sua diferenciação, analisaremos, neste trabalho, ocorrências que apresentaram os dois tipos de formulação: correção e paráfrase. Como afirmamos anteriormente que há uma “linha tênue” na diferenciação dessas duas estratégias, antecipamos que, na paráfrase, procura-se assegurar a intercompreensão por meio de um enunciado reformulador de equivalência total ou parcial, com traços semânticos comuns ao enunciado fonte, enquanto na correção tem-se o objetivo de reelaborar o discurso, torná-lo mais “adequado”, também assegurando a compreensão, mas com traços semânticos diferentes do enunciado fonte.

Essas estratégias de construção textual são utilizadas de acordo com a intencionalidade do locutor e essa intencionalidade é de extrema importância para os estudos funcionalistas. Isso porque, para o funcionalismo, levam-se em conta diversos fatores contextuais para a produção do enunciado. De acordo com Dik (1989), essa corrente prioriza a função que as formas linguísticas desempenham na linguagem, considerando o contexto e a função discursiva, a interação social e a competência comunicativa do locutor, o propósito, os participantes e o contexto de comunicação e situação interacional. Entendemos, portanto, que as estratégias de formulação dependem, intrinsecamente, da necessidade que o próprio locutor sente de modificar seu discurso, bem como as informações já fornecidas anteriormente.

Por conseguinte, entendemos que o funcionalismo também procura estabelecer parâmetros e tendências para alguns processos linguísticos. Assim, existem processos que se repetem sistematicamente quando se fala em escolha do locutor. Por isso, muitas vezes, estudos funcionalistas utilizam-se de pesquisas quantitativas para chegar a determinadas conclusões; observa-se, assim, a recorrência de algumas escolhas dentre as opções de que o locutor dispõe para atingir seu propósito de comunicação.

Neste trabalho, buscaremos, a partir de uma visão funcionalista, observar como ocorre o uso de verbos presentes nas estratégias em questão e, especialmente, se essas estratégias incidem sobre essas formas verbais. Visto que nossa análise dá-se sob viés funcionalista, a análise dos verbos levará em conta não apenas a forma verbal, mas sua representação quanto a tempo, modo e aspecto. Isso porque sabemos que, muitas vezes, uma análise mecanicista e formalista dos verbos pode indicar um determinado tempo, modo e aspecto verbais, quando, na verdade, a intenção do locutor é indicar outras características que não correspondem à forma verbal tradicional. Isso ocorre, por exemplo, na frase “Amanhã *vou* trabalhar mais cedo.”: se analisarmos a forma do verbo *ir*, veremos que ele indica o presente do indicativo, mas sabemos que a intenção do locutor é utilizar essa forma para indicar a ideia de futuro.

Dessa forma, espera-se contribuir para futuros estudos que busquem analisar a estratégia de paráfrase e de correção. Além disso, procura-se, também, demonstrar a importância de uma visão funcionalista em análise dos verbos e de suas características.

O material utilizado para a realização deste artigo é composto de elocuções formais do *corpus* de pesquisa do Funcpar (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná). Os informantes da pesquisa são professores universitários e do Ensino Médio e alunos universitários de Maringá (PR) que nasceram na cidade ou residem nela há mais de 10 anos. As gravações foram feitas durante aulas e apresentações de trabalho, motivo pelo qual se espera um alto grau de formalidade nos textos. A transcrição foi feita alfabeticamente seguindo-se um padrão baseado nas normas do projeto NURC (PRETI, 1993, p. 11-12) com algumas adaptações, e os textos foram segmentados em unidades de entonação.

Para este trabalho, utilizamos como base teórica os estudos de autores funcionalistas, como Neves (2000), Dik (1989, 1997) e Martelotta e Areas (2003). Assim, procuramos avaliar o *corpus* de pesquisa levando em conta seu contexto de produção, sua situação real de uso e interação, bem como a intencionalidade dos locutores.

De início, foram retiradas do *corpus* as ocorrências que apresentam a estratégia de paráfrase e correção. Depois, essas ocorrências foram analisadas com ênfase na escolha dos locutores pelo uso dos verbos no momento da reformulação de informações. Por fim, analisaram-se as ocorrências em que havia adequação de tempo, modo e aspecto verbais na atividade de reformulação, procurando entender o que levou o locutor a realizar essas mudanças.

Este trabalho procura realizar uma análise qualitativa. Segundo Oliveira (2003), a pesquisa qualitativa considera a realidade como sendo socialmente construída e o papel do pesquisador seria o de explicar essa realidade por meio de seu estudo.

Referencial Teórico

Para que possamos entender melhor os elementos que fundamentam este trabalho, faz-se necessária a retomada de alguns conceitos, os quais serão explicitados a seguir.

O Funcionalismo

Atualmente, uma das teorias de grande destaque na área de descrição linguística é o funcionalismo. A teoria funcionalista teve início no século XX com a Escola de Praga, sendo representado por Mathesius, Jakobson, Firbas, Sgall, dentre outros linguistas da época. Tal teoria, como a própria denominação sugere, focaliza-se na função das formas linguísticas em conjunto com seu contexto de uso geral. Em outras palavras, o funcionalismo tem como meta investigar enunciados efetivamente realizados levando em consideração todo o seu evento comunicativo, inclusive no que tange aos parâmetros psicológicos e cognitivos, já que, na comunicação, há, além de funções linguísticas, diversas outras funções humanas envolvidas. Assim sendo, é importante dar notoriedade ao fato de que o ato da comunicação

não abrange apenas codificar e transmitir determinada mensagem, mas todos os fatores envolvidos na interação via língua natural. Neste artigo, utilizaremos como base teórica a Gramática Funcional de Dik (1989, 1997), que se caracteriza essencialmente por propor uma teoria geral de organização das línguas naturais, privilegiando as relações funcionais nos diferentes níveis de organização linguística.

A língua é vista pela linguística funcional como um “instrumento de comunicação cuja estrutura depende da situação interacional e de fatores como a cognição e a comunicação, processamento mental, interação social e cultural, mudança e variação, aquisição e evolução” (NEVES, 2000, p. 03). O funcionalismo, então, de acordo com Dik (1989), prioriza a função que as formas linguísticas desempenham na linguagem, levando sempre em conta o contexto e a função discursiva, a interação social e a competência comunicativa do locutor, o propósito, os participantes e o contexto de comunicação e situação interacional. Além disso, para o funcionalismo, a pragmática é o campo em que se estuda a semântica e a sintaxe. Como ressaltam Martelotta & Areas (2003), em uma análise funcionalista, há a interdependência entre os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática. A inclusão da pragmática se dá pelo fato de que a estrutura linguística revela características interpessoais do locutor, atribuindo à fala suas ideias, crenças, juízos e valores. Isso porque a língua “não é um aglomerado de ideias mapeadas em sentenças, mas razões humanas complexas que se refletem na construção do ato comunicativo” (MAMUS, 2009). Assim, consoante a Gramática Funcional de Dik (1989, 1997), procura-se explicar as regras e princípios subjacentes à construção das estruturas linguísticas em termos de sua funcionalidade, considerando o modo como essas estruturas são usadas em eventos reais de comunicação.

A partir disso, a gramática seria um sistema de significados acompanhados por formas pelas quais esses significados podem ser realizados. Destarte, para haver uma análise funcional de fato, o evento comunicativo deve ser encarado como um instrumento maleável, sujeito às interferências diversas que podem, então, modificar toda uma estrutura já montada. Uma descrição satisfatória deve referir-se não só à estrutura linguística, mas deve fazer referência ao locutor, ao interlocutor e seus papéis dentro do contexto de interação. Como nossa análise baseia-se no funcionalismo de Dik (1989, 1997), ela

relaciona dois sistemas de regras: aquele que regula a constituição das estruturas linguísticas (regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas); e aquele que governa os padrões da interação verbal, nos quais as estruturas linguísticas são usadas (regras pragmáticas).

As Estratégias de Formulação

Formular um texto significa realizá-lo a fim de que ele se torne coerente e compreensível ao interlocutor. Mais do que isso, é fazer com que esse interlocutor seja capaz de interpretar o que se diz. Nesse caminho entre locutor-mensagem-interlocutor, pode haver alguns percalços, como falhas ou “erros” que precisam ser reformulados. Assim, visando alcançar suas intenções comunicativas, o locutor utiliza-se de algumas estratégias específicas, chamadas de estratégias de formulação e reformulação. Importa destacar que essas mudanças são realizadas pelo locutor a fim de buscar opções de formulação que atenda ao sentido pretendido. Destarte, o enunciado fonte não é apagado, necessariamente, mas apresenta-se uma nova alternativa de formulação textual discursiva.

Conforme afirmam Fávero, Andrade & Aquino (1999), no momento da fala, pode haver “problemas” de processamento de linearização e “problemas” de formulação. De acordo com os autores, corrigir é produzir um enunciado linguístico (enunciado reformulador – ER) que reformula um anterior (enunciado fonte – EF). Essas correções podem anular um EF, que é substituído, ou corrigir parcialmente o EF, retificando-o.

Essas adequações podem ser motivadas tanto pelo próprio locutor quanto pelo interlocutor. Elas podem ser chamadas de autocorreções autoiniciadas, autocorreções heteroiniciadas ou heterocorreções autoiniciadas. As autocorreções autoiniciadas são processadas pelo próprio locutor no mesmo turno ou em turno diferente. Ele não se satisfaz com seu enunciado fonte e o reformula, buscando novas alternativas para aquilo que está sendo dito. As autocorreções heteroiniciadas também são realizadas pelo próprio locutor, mas é o interlocutor que inicia a correção, chamando a atenção do locutor para o enunciado que ele considera “errado”. Esse tipo de reformulação ocorre especialmente em interações diretas, como diálogos e conversas

informais. Nas heterocorreções autoiniciadas, o locutor inicia a correção e o interlocutor a efetiva; o locutor então aceita a reformulação, num processo cooperativo. Os exemplos a seguir ilustram os casos de autocorreção autoiniciada (exemplo a), autocorreção heteroiniciada (exemplo b) e heterocorreção autoiniciada (exemplo c):

(a) .. e aí as pessoas .. **começa::ram/ .. e:: a partir desse momento .. já começou** uma le::va de cientistas .. a tentar descobrir que maneira que existe uma vida,

(b) L1 aquele seu amigo::: Luís que está estuda:: ndo economia L2 não **não é economia...**

L1 **ah é... é direito...** então ele estava dizendo que... a profissão exige dedicação
(FÁVERO, 2005, p.148, Conversação espontânea)

(c) L1 estava na biblioteca procurando um livro... a Eneida de Horácio... **não... não...**

L2 **de Vergílio**

L1 **sim... sim de Vergílio** (FÁVERO, 2005, p.148, Conversação espontânea)

Tendo isso em vista, podemos entender que as correções são motivadas por questões pragmáticas e interacionais. Acerca do papel das correções, lemos o seguinte:

As correções apresentam a função geral de caráter interacional, no que diz respeito à busca de cooperação, intercompreensão e ao estabelecimento de relações de envolvimento entre os interlocutores (FÁVERO, ANDRADE & AQUINO, 1999, p. 72).

A partir disso, podemos comparar as diferentes intenções desse locutor ao introduzir em seu texto oral uma correção e uma paráfrase. Diferentemente do que acontece na correção, na paráfrase o enunciado-fonte é "matriz para movimentos semânticos de especificação ou generalização, expressos pelo enunciado-reformulador, que determinam uma progressão textual, gerando novos sentidos" (FÁVERO; ANDRADE & AQUINO, 2006, p. 260).

É importante destacar que, na paráfrase, há uma equivalência semântica entre as duas porções textuais. Assim, na paráfrase, há sentidos equivalentes, enquanto na correção há contraste entre as ideias.

Conforme Barros (1993, *apud* FÁVERO, ANDRADE & AQUINO, 1999), muitas vezes, são tênues os limites entre paráfrase e correção

e certos casos podem ser considerados tanto com uma quanto como outra, ocorrendo uma neutralização entre as oposições.

O Verbo

Geralmente, os verbos são estudados pela Gramática Tradicional privilegiando-se apenas a reprodução das desinências número-pessoais e desinências modo-temporais. Apesar disso, autores funcionalistas, como Ilari & Basso (2008), demonstram que a função dos verbos está também ligada ao seu significado, sendo indispensável analisá-lo como molde/matriz para a construção de sentenças (uma vez que o verbo delimita a necessidade de preencher espaços e apresentar o número de argumentos de que ele necessita). Ademais, o verbo é importante para, segundo Ilari e Basso (2008), conceitualizar o estado de coisas descrito e antecipar quais participantes serão expressos. Sua categoria gramatical de pessoa é dêitica (pois indica 1ª, 2ª e 3ª pessoas) e a categoria de tempo localiza o estado de coisas como simultâneo, anterior ou posterior ao ato de fala. Assim, o verbo atribui (ou não) às ações que descreve uma estrutura interna constituída de “momentos” qualitativamente diferentes.

Quanto à categoria de tempo, podemos observar que pode ser uma informação tipicamente dêitica, pois toma por base a enunciação, ou anafórica, pois toma por base informações presentes no mesmo texto. Segundo Ilari e Basso (2008), os morfemas do verbo têm por função localizar o fato descrito como contemporâneo, anterior ou posterior aos momentos do texto ou da enunciação. Segundo Castilho (2010), é praticamente impossível descrever o tempo verbal sem considerar o aspecto ao mesmo tempo. Ademais, as situações de uso do tempo verbal podem ser: a descrição do estado de coisas num tempo real e o deslocamento para um tempo fictício ou para um domínio vago, impreciso. O autor demonstra várias possibilidades de tempos. A tabela a seguir descreve os tempos de cada modo verbal²:

² Os exemplos para as definições serão apresentados no decorrer da análise.

Tabela 1: Tempos verbais do modo indicativo

MODO INDICATIVO	
Presente	Real, metafórico ou atemporal
Passado	Pretérito perfeito simples (real, metafórico ou atemporal)
	Pretérito imperfeito (real, metafórico ou atemporal)
	Pretérito mais que perfeito simples e composto (real ou metafórico)
	Pretérito perfeito composto (real ou metafórico)
Futuro	Futuro do presente simples e composto (real, metafórico ou atemporal)
	Futuro do pretérito simples e composto (real ou metafórico)

Tabela 2: Tempos verbais do modo subjuntivo

MODO SUBJUNTIVO	
Presente	Simultaneidade problemática somada a valores modais
	Presente do subjuntivo metafórico
Passado	Pretérito perfeito composto (anterioridade problemática ou metafórica)
	Pretérito imperfeito (anterioridade problemática ou metafórica)
	Pretérito mais que perfeito (anterioridade remota)
Futuro simples e composto	Posterioridade problemática

De acordo com Ilari & Basso (2008), o modo expressa informações que se referem ao tipo de compromisso que o locutor assume quanto à veracidade das informações que transmite, no mundo em que interpretamos habitualmente os enunciados linguísticos. Destarte, segundo Castilho (2010), o modo indicativo representa-se morfologicamente por sufixos modo-temporais, é sintaticamente predominante em sentenças simples, asseverativas e interrogativas e, semanticamente, expressa uma avaliação do *dictum* como um estado

de coisas real, verdadeiro. Ainda segundo o autor, o modo subjuntivo também tem sua representação morfológica por sufixos, sintaticamente predomina em sentenças subordinadas e semanticamente expressa um estado de coisas duvidoso, geralmente. Por fim, o autor demonstra que o modo imperativo tem morfemas próprios na forma afirmativa e empresta morfemas do subjuntivo para a forma negativa, ainda que não haja relação semântica alguma entre eles. Geralmente, ocorre em sentenças simples e semanticamente expressa uma ordem (quando expresso na segunda pessoa) ou uma volição (quando expresso nas demais pessoas do discurso).

Segundo Ilari & Basso (2008), o aspecto verbal permite considerar o verbo numa de suas fases e não é dêitico, pois é uma opção do locutor para representar o estado de coisas expresso pelo verbo por uma determinada perspectiva. À luz de Castilho (2002), o aspecto não tem morfologia própria, sendo que, para codificá-lo, o usuário combina diversos recursos linguísticos. Assim, o aspecto imperfectivo, segundo o autor, apresenta uma predicação dinâmica de um sujeito específico, na maior parte. Ademais, a predicação apresenta uma fase inicial (imperfectivo inceptivo), uma em pleno curso (imperfectivo cursivo) e uma fase final (imperfectivo inceptivo), sendo que esse aspecto é altamente recursivo nas estruturas de fundo das narrativas, predominando as perífrases sobre as formas simples. Quanto ao aspecto perfectivo, o autor demonstra que ele apresenta a predicação em sua completude, sem referir-se a fases, ocorrendo, também, em predicções dinâmicas com um sujeito específico na maior parte. Ao contrário do aspecto imperfectivo, o aspecto perfectivo é mais recursivo nas estruturas de figura e pode ser pontual (presente, pretérito perfeito e pretérito mais que perfeito) ou resultativo (associa uma ação a um estado; a ação é pressuposta no passado, e o estado presente decorre dessa ação). Por fim, o autor apresenta o aspecto iterativo, o qual representa uma quantificação do imperfectivo e do perfectivo, com um sujeito habitualmente não específico, expressando iteração (presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito composto, perífrases e repetição do verbo).

Finalmente, a noção de voz apresentada por Ilari & Basso (2008) consiste em colocar em evidência ora este ora aquele participante do processo pelo verbo. Por fim, é importante ressaltar que as informações

de tempo, modo, aspecto e voz verbal podem ser apresentadas por expressões com as quais o verbo interage no contexto. Portanto, segundo Ilari & Basso (2006), dizer que há verbos perfectivos ou imperfectivos em um determinado texto depende da análise do contexto.

Dados e Análise

No *corpus* analisado, foram encontradas 121 ocorrências que apresentavam reformulação (dentre elas, correção e paráfrase), sendo que, dessas 121, 6 ocorrências apresentaram mudanças na forma verbal, seja morfológica, sintaticamente ou semanticamente. Essas ocorrências serão descritas e analisadas a seguir:

(1).. e daí observou/ficou observando,

Nessa ocorrência, vemos que o locutor realizou uma estratégia de correção, uma vez que substituiu um elemento realizado por outro, especificamente um verbo no pretérito perfeito real pontual por uma perífrase de valor durativo formada por pretérito perfeito + gerúndio, o que caracterizaria o tempo passado. Essas perífrases com gerúndio, segundo Ilari & Manroanelli (1983, *apud* CASTILHO, 2010), são incompatíveis com verbos que indicam permanência. Por isso, provavelmente, o locutor fez a correção para mostrar que o sujeito não observou somente uma vez determinado evento, mas fez isso uma sequência de vezes, durante um tempo decorrido no passado.

(2) .. porque .. ele não fez .. ele não ta entendendo .. o que significa fazer uma mudança de variável na equação.. né.

Da mesma forma que na ocorrência anterior, o locutor realiza uma correção, substituindo um verbo no pretérito perfeito real pontual (fez) por uma perífrase de valor durativo formada por verbo auxiliar no presente real e contínuo (ta entendendo) seguida do mesmo verbo no infinitivo (fazer). Podemos inferir que essa mudança se deu por conta de aspectos semânticos específicos: inicialmente, o locutor demonstra que o sujeito não fez algo, utilizando o verbo no indicativo, cuja finalidade é expressar certeza a respeito do estado de coisas, numa

perspectiva pontual. Porém, o locutor percebe que esse sujeito não só “não fez uma mudança variável na equação” como também ele não está entendendo (em um aspecto durativo), ou seja, com a mudança dos tempos verbais, o locutor demonstra que o sujeito não fez algo porque não soube fazê-lo e continua sem o saber. É importante destacar que, nesse caso, também muda o verbo, e não apenas o tempo verbal. Diferentemente do exemplo (1), em que há a manutenção do verbo “observar”, neste exemplo (2) há mudança de verbo e de aspecto e há uma explicação do porquê a ação não foi realizada. Nesse sentido, é importante destacar que há tipos distintos de perífrases: as que modificam o aspecto verbal, mas mantêm o verbo, e as que modificam o verbo e o aspecto verbal.

Por outro lado, é possível outra análise: em “.. *ele não ta entendendo ..*”, pode-se identificar uma expressão de realce, trazendo uma causa ou motivo para o estado-de-coisas descrito anteriormente. Para considerar essa possibilidade, porém, entenderíamos que a correção não projeta duas formas verbais para o mesmo estado-de-coisas, mas sim que seriam estados-de-coisas diferentes.

(3) .. *e começaram .. e começam a plantar soja por exemplo em regiões de clima hostil,*

Aqui, há uma reformulação que modifica o tempo verbal do verbo “começar”. Inicialmente, o locutor opta por utilizar o pretérito perfeito real e pontual, marcando que o sujeito começou a plantar soja em um determinado momento da história. Porém, ocorre a modificação para um presente metafórico, caracterizado como presente do passado, pois indica uma ação decorrida anteriormente ao tempo da fala, mas com características morfológicas de presente.

(4) .. *então esquece x ao quadrado,*
.. *então quem vai ser/ quem vai/ quem/ quem são as raízes?*
.. *mais ou menos cinco i.*

A mudança de uma perífrase composta por um verbo no presente “vai” e o infinitivo “ser” (futuro do presente composto) por um verbo no presente atemporal deve-se ao fato de se tratar de um

estado de coisas atemporal: o resultado de um cálculo matemático não ocorre numa sequência temporal real, mas ela existe atemporalmente. Inconscientemente, o locutor percebe isso e realiza a correção.

*(5) .. pessoal a todo momento nós podemos produzir cana,
.. a todo momento produzimos # .. cana de açúcar/*

Para analisarmos essa ocorrência, é necessário entender que o sujeito da frase “nós” refere-se ao Brasil; assim, o locutor, inicialmente, utiliza uma perífrase de futuro do presente composto atemporal, demonstrando a possibilidade de o país produzir cana. Porém, há a paráfrase na intenção de mostrar que o Brasil não só pode produzir cana como já produz, no presente real e imperfectivo (a todo momento).

*(6) ... entÃO HOje nós vamos/eu vou estar passando para vocês
... éh:: o relatório que vai ter que ser FEItO,*

Pelo fato de modificar o sujeito da frase, ocorre aqui, também, a modificação da forma verbal. Inicialmente, o locutor utiliza o presente metafórico pelo futuro do presente, indicando algo que vai acontecer após aquele momento da fala (passar o relatório). Porém, ao fazer essa adequação do sujeito para a primeira pessoa do singular, o locutor utiliza a perífrase, indicando um futuro do presente composto, com gerúndio que apresenta um aspecto cursivo, já que demonstra um futuro com fases. A gramática tradicional chama essa construção de gerundismo, considerando-a um erro, porém, com uma análise calcada na intencionalidade do locutor, vemos que esse uso do gerúndio tem uma função específica de apresentar o aspecto cursivo da ação.

Considerações Finais

Com base na análise realizada, entendemos que a simples classificação dos verbos pelas suas características morfológicas não é suficiente para compreender a real noção de tempo, modo e aspecto expressos por essa classe, principalmente quando se trata da língua falada. Com o tempo, o uso dos verbos vem se modificando, conforme as necessidades dos locutores e, assim, tempos, modos, aspectos -

juntamente com modalizadores, advérbios, entonações e diferentes objetivos do locutor – vão ganhando valores e funções diferentes das tradicionais, descritas pela gramática tradicional. Dessa forma, vimos que é indispensável a análise da intencionalidade do locutor, do contexto e do modo como se empregam as diferentes formas verbais, levando em consideração a perspectiva pela qual se considera o estado de coisas, a duração das ações e sua localização na linha temporal (ou, em determinados casos, atemporal), seja ela real ou metafórica.

Do mesmo modo, as estratégias de reformulação são pensadas no ato da fala para que a compreensão e interpretação do interlocutor se tornem possíveis. Assim, as estratégias de paráfrase e de correção podem ocorrer para apresentar uma nova alternativa ao texto. Nessas atividades, vários elementos podem ser modificados e, neste trabalho, vimos que a forma verbal é um deles. Porém, não se deve esquecer que toda inserção de novas alternativas feita pelo locutor tem uma função e, quando ela é realizada nos verbos, há uma mudança de comprometimento do locutor quanto àquela sentença, ou mesmo há maior ênfase na importância de se realizar determinada ação em determinado momento temporal, por exemplo.

Assim, espera-se que, com as breves análises aqui realizadas, seja possível repensar a visão que se tem a respeito do uso dos verbos, além de oferecer uma contribuição para o estudo das estratégias de paráfrase e correção, principalmente em relação às marcas e mudanças recorrentes nesses tipos de construção.

Referências

CASTILHO, A.T. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, M.B.M. & RODRIGUES, A.C.S. (orgs.). *Gramática do Português Falado*. 2ª ed., vol. VIII. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002. p. 83-117.

_____. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2010. p.414-443.

DIK, C. S. *The Theory of Functional Grammar*. Pt. 1. The Structure of the Clause. Dordrecht: Foris Publications., 1989.

_____. *The Theory of Functional Grammar*. Pt 2. Complex and derived constructions. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

FÁVERO, L.L. ANDRADE, M.L.C.V.O. & AQUINO Z.G.O. A correção no texto falado. In: NEVES, M.H.M. (org.). *Gramática do Português Falado*. 2ª ed., vol. VII. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 53-75.

_____. Correção. In: KOCH, I.G.V. (Org.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Construção do Texto Falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2006a. p. 255-273.

ILARI R. & BASSO, R.M. O verbo. In: CASTILHO, A.T. (coord.), ILARI, R. & NEVES, M.H.M. (orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

MAMUS, P.T. *Uma investigação funcionalista dos meios de expressão das relações retóricas de causa e resultado em elocuções formais*. Maringá, 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Maringá, UEM, Maringá.

MARTELOTTA, Mário E. & AREAS, Eduardo K. *A visão funcionalista da linguagem no século XX*. In: FURTADO DA CUNHA, Maria A.; OLIVEIRA, Mariângela R. de & MARTELOTTA, Mário E. (orgs.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Faperj/DP&A, 2003.

NEVES, M.H.M. *Gramática de usos de português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

OLIVEIRA, F.M. *A configuração textual da seção de metodologia em artigos acadêmicos de linguística aplicada*. 2003. 134f. Dissertação (mestrado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.

PRETI, D.(org.) *Análise de Textos Oraís*. S. Paulo: FFLCH/USP, 1993.

Recebido em: 04 de abril de 2015.

Aceito em: 21 de setembro de 2015.